Prefácio

Carlos Eugênio Líbano Soares

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOARES, C. E. L. Prefácio. In: OLIVEIRA, J. P., and LEAL, L. A. P. *Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 17-20. ISBN: 978-85-232-1726-6. Available from: doi: [10.7476/9788523217266.001](https://doi.org/10.7476/9788523217266.001). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/96v9g/epub/oliveira-9788523217266.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

A capoeira faz pouco tempo deixou os pés de páginas dos compêndios mais importantes da história nacional para adquirir vida própria, tornando-se ela mesma tema de volumosos trabalhos, que desvelam planos e horizontes antes absolutamente desconhecidos da nossa historiografia. O trabalho aqui apresentado de Luiz Augusto e Josivaldo faz parte desta nova safra.

O objetivo maior da obra não deixa de ser original. Retirar a capoeira de certo nicho, reduto marcado pelo exotismo, pela “folclorização” (com todo respeito pelos trabalhos de folclore) e de um campo mitológico empolgante, mas igualmente isolado e estigmatizado, para incorporá-la às questões maiores da formação da nacionalidade, da educação, da construção da identidade nacional. Assim, pelas páginas de Luiz Augusto e Josivaldo, a capoeira finalmente torna-se parte integrante da história do país, da sua face, da sua gênese, faceta antes percebida, mas nunca explicitada.

Luiz Augusto Pinheiro Leal e Bel (apelido de Josivaldo Pires de Oliveira) já haviam trilhado caminhos novos e instigantes em tempos anteriores. Luiz Augusto, em sua dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal da Bahia, abriu um imenso horizonte, antes insuspeito para a história da capoeira no Grão Pará da virada do século XIX para o século XX, de causar estupor a qualquer especialista da história da capoeira baiana e carioca.

Bel esqueceu um pouco a conhecida trajetória dos grandes mestres da capoeira do século XX para se debruçar sobre a “escória” de “desordeiros e valentes” que marcaram a imagem da

capoeiragem na Cidade da Bahia antes do advento das escolas Regional e Angola. Ambos abriram caminhos novos a partir de velhas trilhas.

No livro ora apresentado, eles de novo abrem inéditas sendas. Na primeira parte, intitulada *Capoeira, história e identidade*, Luiz e Bel tratam da formação de uma história nacional. Não por coincidência este processo vai ter início no período imediatamente após a Independência, quando a elite “libertadora” do Brasil vai pelejar para inventar uma memória nacional, que também, não por coincidência, vai colocar nos píncaros da glória esta mesma elite ou seus antepassados ilustres.

O capoeira não tem lugar nesta galeria de heróis nacionais. Bêbado, vadio, ocioso, mestiço, baderneiro, desordeiro, vicioso, vadio, era o paradigma da escória urbana, pior que o preto africano ou que o índio *puro*. Mas como um fantasma ele percorre em espectro as páginas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, lugar privilegiado de construção de uma memória nacional, em uma espécie de elogio invertido, onde a nobre classe dos historiadores do Império usa os subterrâneos dos pés de página para dar vazão aos seus “instintos mais primitivos”.

Na década de 1930, nos tardios primórdios da educação pública no Brasil, já na era Vargas, o contexto havia se alterado sensivelmente. A mestiçagem – inferno racial da geração 1870 – é cantada em prosa e verso na nova “raça brasileira” inventada pelo getulismo. Na mesma época, Mestre Bimba e Mestre Pastinha reinventam a capoeira, reordenando seu lugar na ordem social, tirando-a da esfera do crime para o campo da educação física, antiga reivindicação de parte da primeira geração republicana.

Nos capítulo que compõem a primeira parte do livro, Luiz e Bel revelam como a redefinição da mestiçagem no imaginário da elite intelectual foi moldando um novo lugar para a capoeira.

O livro didático é um *locus* importante para perceber esta transição. Nos anos 1970 e 1980, a nova geração de intelectuais sacode o jugo do conservadorismo e relê os ditos “marginalizados” como sujeitos de sua história e até da história da nação. Como os autores afirmam, será pelo portal da Antropologia que a capoeira vai adentrar o salão dos acadêmicos. Uma nova Antropologia, que jogou na lata de lixo da história o “racismo científico” e outros dogmas.

Mas somente nos anos 1990, a história volta seus olhos para a dita manifestação cultural. Os próprios trabalhos de Bel e Luiz Augusto são fruto desta mudança. Assim, este livro joga os estudos sobre a capoeira na maré montante da revolução do pensamento brasileiro da segunda metade do século XX, quando velhos paradigmas, inclusive mais tarde alguns autorreferenciados como “revolucionários”, ficam para trás.

Mas a parte mais interessante de toda a obra é o capítulo segundo, intitulado *Capoeira e identidade nacional: de crime político à patrimônio cultural do Brasil*. Bel e Luiz revelam como, na tríade carnaval, futebol e capoeira, símbolos da brasilidade desde meados do século XX, a capoeira será a última a ocupar seu lugar. Por obra e graça dos Grandes Mestres e, depois deles, da expansão globalizada da arte, já no limiar do terceiro milênio, a capoeira ganha foros de brasilidade, como diria Jair Moura.

Bel e Luiz tecem com maestria, em diferentes momentos da obra, o complicado enredo da produção científica sobre a capoeira, desde os artigos pioneiros de Mello Moraes Filho e Manuel Querino, da virada do século, entre outros, passando por Waldeloir Rego, a nova historiografia da escravidão dos anos 1960 (muito forte na Bahia), a nova história brasileira dos anos 1980, chegando à geração a qual pertencem, que deitou longe alguns mitos e opera vigorosa revisão dos significados da capoeira,

mormente na história, onde até muito pouco tempo não havia o menor espaço para temas como este.

Mas, pelo menos para mim, nada substitui as vibrantes narrativas que Luiz Augusto deixou para o final: as rocambolescas aventuras marginais de três ícones da capoeiragem antiga do Grão Belém do Pará: Pé-de-Bola, Lourenço e Cabralzinho. Heróis às avessas, eles saltam das páginas da literatura para o registro histórico, refeitos do moralismo que os condenou ao ostracismo, mas também longe do bom-mocismo, politicamente correto que os colocaria como heróis dos oprimidos. Eles foram vestidos como realmente penso que eram: representantes, sim, das classes mais desprivilegiadas daquele tempo, mas também autênticos *macunafemas* do oportunismo político, servindo de capangas do primeiro coronel que desse mais “sem nenhum caráter”.

Bel e Luiz cimentam tradições díspares, ou que pelo menos permaneciam separadas, trazendo o *capoeira* para o centro do debate nacional. Dimensionando o peso que certas narrativas literárias e intelectuais tiveram na reinvenção da capoeira no século XX; apontando o impacto do livro escolar na construção – ou desconstrução – da imagem do capoeirista, que substitui o *capoeira* após a onda dos grandes mestres Bimba e Pastinha.

Uma outra renovação está em marcha...

Carlos Eugênio Líbano Soares

Universidade Federal da Bahia